

Desordem econômica ameaça o País

LÊA CRISTINA E CRISTINA ALVES

Cenas do cotidiano: os supermercados já revisam semanalmente os preços. Nas lojas, nenhum vendedor garante que o valor cobrado hoje será o mesmo amanhã. O preço do perfume Phebo subiu 500% e mesmo assim o produto sumiu das prateleiras. Uma fantasia pode custar NCZ\$ 6,9 mil — o mesmo que três batedeiras. Açougueiros da Tijuca estão aceitando tickets-restaurantes na venda de carnes, mas com adicional de 20%. Mesmo recebendo salário semanal, o trabalhador perde 26,45% no mês, com a inflação a 70%. Cheques substituem dinheiro. Há uma moeda para livro, outra para salário, uma terceira para imóvel...

O que representa tudo isso? Enfim, a economia brasileira chegou ao caos? A resposta pode ser "sim", considerando que um dos princípios básicos da hiperinflação está aí mesmo: a desorganização da economia pode ser constatada em todas as esquinas. O Presidente eleito, Fernando Collor — que já comentou que não esperava um quadro tão grave — vai receber o País com a inflação beirando 400% no primeiro trimestre. Mas há quem sustente ainda que a situação está sob controle, já que produção, transporte, abastecimento e nível de emprego se mantêm.

O fato é que, se a hiperinflação ainda não chegou, pelo menos está batendo à porta. Os supermercados já fazem reajustes semanais para a maioria dos produtos, informa o Diretor da Associação dos Supermercados do Estado (Asserj), Francisco Esteves. Há itens que ficam mais caros



Promoções tentam atrair o consumidor relutante, que já não sabe mais qual é o preço justo de uma mercadoria

quinzenalmente, outros a cada 20 dias. Mas ainda há os que estão sujeitos à correção diária — os produtos agrícolas, adquiridos no chamado mercado aberto de gêneros, que variam de acordo com a lei da oferta e procura. Segundo Esteves, os aumentos semanais visam a diminuir o impacto dos reajustes fixados pelos fornecedores, que ocorrem, em sua maior parte, quinzenalmente. E isto é possível em função dos estoques ainda mantidos pelas redes de varejo, mas cujo volume cai dia a dia, em função da alta dos juros, que eleva o custo da estocagem.

A indexação já atingiu até mesmo o livro, através do Real Livro, moeda que serve para a atualização dos preços. E só passar por uma livraria e

procurar o preço na capa: não há. O que há é um número a ser convertido pelo valor diário do Real Livro pelo vendedor. Aluguéis são fixados em dólares e mesmo pequenas empresas, como a Badil/Retífica e Peças, da Bahia, já pagam salários pela variação diária da BTN.

Para o Presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio, Aylton Fornari, vale destacar que os meios de produção estão mantidos e que desta forma, mesmo com altas taxas de inflação, a economia ainda tem fôlego para esperar a posse de Collor. E a partir daí entrar em processo de recuperação.

Alberto Furuguem, ex-Diretor da Área Bancária do Banco Central, é mais pessimista. Para ele, está claro

que perdeu valor a tese de que, com a indexação, o sistema de preços relativos não se desorganizaria:

— Quando a taxa passou dos 50%, os agentes econômicos começaram a ficar perdidos. Não se sabe direito o valor das coisas. Não se sabe o valor de uma gorjeta. A tonteira é geral — observa Furuguem, para quem, o futuro Governo deverá buscar resultados graduais, mas que, de fato, combatam as causas da inflação.

— Não adianta fazer a inflação cair vertiginosamente, para, mais adiante, a situação voltar a ficar complicada. A taxa pode cair aos poucos, desde que despesas e subsídios sejam cortados e que a sonetação seja combatida — afirma.

Foto de Miriam Fichtner